

THOMAS HOBBS: NATUREZA E ENSINO

Pedro Gomes Neto¹

Resumo

Este artigo tem por pressuposto apresentar a receptividade da subjetividade moderna e a finalidade do ensino na filosofia de Thomas Hobbes (1588-1679). Disserta-se sobre a natureza humana – faculdades e poderes naturais – se expõe a necessidade da palavra e do discurso, visando o uso da linguagem referente ao ensino.

1. Princípio lógico e ensino

1. Introdução

Thomas Hobbes (1588-1679) inaugura sua dissertação intitulada *Elementos do direito natural e político* (1640) afirmando que a natureza humana é a base para que as pessoas entendam os elementos das leis, sejam eles de ordem natural ou política. A natureza humana se compõe de faculdades e de poderes naturais. A faculdade se subdivide em corporal e espiritual. As faculdades do corpo são: nutritiva, motriz e geradora. A faculdade do espírito se compõe pelo poder cognitivo, imaginativo ou conceptivo – e pelo poder motor. Hobbes fundamenta o que é concepção ou poder de conhecer, o conhecimento, o apetite e o medo, ou a imaginação e a paixão. Esses termos são originados das sensações que provocam imagens que movimentam o cérebro. Após ter exposto os poderes e atos do espírito cognitivos e motores, Hobbes enfoca os efeitos desses poderes na relação entre os homens. Surge a necessidade de exposição sobre a palavra e sobre o discurso, do qual o primeiro uso da linguagem é referente ao ensino ou ao exprimir concepções aos outros.

¹ Dr. Pedro Gomes Neto é Professor de Filosofia da UFG/FE e da PUC Goiás. E-mail: pheel@hotmail.com.

2. Ensino: ponte entre a natureza humana e a união social

A natureza do homem é composta por faculdades e poderes naturais. O homem é animal e racional. Há nele as faculdades do corpo e as faculdades do espírito. As faculdades do corpo são: nutritiva, motriz e geradora. Poderes do espírito são: cognitivo – ou imaginativo ou conceptivo – e motor. Conhecer é fazer uso da faculdade cognitiva advinda das imagens e concepções de coisas externas. O conhecimento é racional, mas advém das coisas exteriores à razão. Há o homem – constituído de corpo e de espírito – e o mundo externo a ele. Conhecer é compreender racionalmente a imagem desse mundo exterior. Hobbes inicia sua reflexão pela dicotomia, no princípio lógico do saber, entre homem e natureza. Esse pressuposto é decisivo e se encontra presente em diversas teorias que enfocam o ensino moderno.

Pela sensação, fazendo uso dos sentidos, criam-se imagens das quais se origina a concepção. Sensação é a ação presente na coisa. O que a produz é o objeto da sensação. Cada órgão do sentido executa determinada concepção (ou conhecimento), denominada qualidade. O objeto do qual emana a possibilidade do conhecimento não é a coisa vista. A imagem é um movimento que o objeto opera no cérebro. E o conhecimento, embora tenha sua origem no objeto – externo a nós –, é interno e não externo. O mundo externo gera o movimento no cérebro humano para que o homem elabore o conhecimento interno possível. A causa do conhecimento, portanto, não é o objeto, e sim aquele que sente esse objeto, ou seja, o sujeito.

A experiência ocorre no pensamento e não exatamente em objetos exteriores sensíveis. Ela advém dos sentidos, mas é elaboração racional e não mero exercício objetivo. A experiência não oculta a sabedoria humana. Ela é recordação oriunda dos sentidos e elaborada pela razão. Sua base são as concepções oriundas das sensações, portanto, não necessárias, mas ocasionais. Elas não dependem dos nossos desejos, são frutos do acaso. Dessas concepções, originam-se as marcas e os nomes que os homens dão às coisas para que delas ele possa se recordar em um futuro. Uma marca é um sinal. No vocábulo humano, essas marcas chamam-se nomes. Uma denominação ou um nome é um vocábulo que o homem impõe arbitrariamente às coisas como sua marca. A finalidade do nome é a de ser lembrado posteriormente. Há duas espécies de denominações: positivas ou privadas. As denominações positivas são aquelas que concebemos em qualquer coisa existente. As denominações negativas são as que temos falta ou privação.

É exatamente dos nomes que fazemos ciência. Eles nada têm a ver com a essência da coisa. Não há essência, no sentido clássico do termo. O nome é mera representação ou sinal destinado à coisa pelo homem. Nesse sentido, separa-se particular de universal. Quando o nome se refere a várias coisas, chama-se de universal. Quando a referência é apenas a uma coisa, a denominação é chamada de individual ou particular.

A noção de verdade se desloca da coisa-em-si ou do nome, significando a essência da coisa para entendimento lógico dela. Entendimento é quando o homem encontra o verdadeiro. Há proposições. Estas são afirmações e negações de duas designações ligadas pelo verbo ser. A proposição positiva indica a presença da coisa, enquanto a negação, sua ausência. Delas origina-se o silogismo ou o argumento. Da elaboração de silogismos surge o raciocínio. Este pode estar de acordo com a reta razão ou ser um absurdo. A linguagem nasceu para que os homens mostrassem seus conhecimentos, opiniões, concepções e paixões. Ela serve a esse fim. Razão é somente discurso. Todos os nossos conhecimentos advêm dos sentidos, são originados das sensações. Há duas espécies de conhecimento: sensação e ciência. Sensação é conhecimento original, aquele que se origina dos sentidos – os cinco sentidos mais a recordação, sexto sentido. Conhecimento científico é aquele das verdades das proposições. Todas elas são experiências.

As sensações são experiências oriundas de coisas exteriores. A ciência é experiência que advém da linguagem. Há dois conceitos implicados no de conhecimento: verdade e evidência. A verdade consiste em que uma denominação corresponda a outra. A evidência é a base que alimenta a verdade. Ela é o fato que nos dá o significado do que as palavras representam. O conhecimento científico é a evidência da verdade, a partir de um princípio de sensação. Opinião não é conhecimento. Opinião significa pensar ou supor que uma proposição é verdadeira. Crença é quando essa suposição de veracidade origina-se de outros. No entanto, ciência ou opinião é consciência. Conhecimento ou ciência é ter opinião da evidência da verdade.

Concepção é o poder de conhecer, e este é fazer uso da faculdade do espírito pelo poder cognitivo em imagens ou concepções de coisas que nos são externas. Concepções nada têm de real; são somente o movimento provocado no cérebro pela sensação ao fazer uso dos sentidos (os seis sentidos). Esse movimento, que é propagado pelo coração, pode ser travado ou facilitado. A esse movimento mecânico, dá-se o nome de vital. Quando ele é facilitado, chama-se volúpia ou prazer. Amor é esse movimento mecânico do cérebro que dá prazer transferido a objetos. Quando esse movimento é travado dá-se o nome de dor ou tédio. Esse

movimento de prazer ou de dor é uma solicitação ou provocação. A solicitação é um esforço ou o início do movimento que, quando agrada, é chamado de apetite e, quando desagrada, é aversão. Quando o desprazer é antecipado, usa-se o nome de medo.

Desejo configura denominações para que o homem exprima de formas diferentes maneiras distintas de considerar a mesma coisa. O bem é o que é simpático ao homem. O mal é o que lhe desagrada. Não há a bondade absoluta. Todas as concepções que nos dão a sensação de prazer, dor, apetite ou crença são imaginações que sucedem das sensações. O apetite é o começo do movimento animal em direção à alguma coisa que lhe agrada. Quando alcançada, chama-se fim e significa gozo. O desejo é faltante enquanto consiste em querer alcançar um fim mais distante. Todo prazer é apetite e este pressupõe um fim mais afastado. Dele advém a noção de felicidade, que não é um estado, mas uma busca. A felicidade consiste na procura de alguma coisa que lhe dá prazer. Ela não é aquisição do êxito, mas sua procura. Há duas espécies de prazer: sensual e espiritual. O prazer sensual é afetado pelos órgãos de sensações corporais e visam a continuação da espécie, a alimentação e a preservação. O prazer do espírito é aquele que está ligado a qualquer parte do corpo em específico: alegrias, dores.

Há três espécies de concepções: concepção do presente, do passado (recordação) e do futuro (previsão). A concepção origina-se das sensações, advindas dos sentidos, que movimentam o cérebro e promovem a concepção (que é o poder de conhecer). Concepção do passado é recordação ou dar-se conta da coisa que se tinha e que agora falta. Concepção do futuro é um poder capaz de produzir qualquer coisa; concepção desse poder do passado e do efeito conseqüente. Poder é compreendido na relação entre homens; é o excedente de poder de um homem em relação a outro. Sinal de honra é quando um homem reconhece o poder e o valor de outro homem. A natureza das paixões em particular consiste no prazer ou desprazer que os homens recebem dos sinais de honra.

O que mantém o homem vivo é a paixão. Trata-se de manter-se no movimento que é impresso no cérebro pelas sensações. A imaginação dos homens procede das sensações ou das ações de objetos externos a eles que afetam seus cérebros ou de alguma substância interior do cérebro que provoca alguma alteração, propagada pelo coração, que se chama paixão. São variadas as alterações que essas paixões podem produzir. De forma que as alterações que provocam diferença encontram-se no cérebro humano, mas são oriundas das sensações. Todos os homens são iguais em estado de natureza, já que sentem. A diferença entre os homens tem origem nas paixões e nos fins que os homens buscam.

Todos os homens são iguais e, portanto, o que os diferencia é exatamente a imagem criada em seus cérebros e a busca que eles se propõem a fazer. Exceção há em relação aos loucos ou àqueles para os quais há predominância de qualquer imagem a todas as outras que determina a exclusividade de uma paixão em detrimento das demais. Ou seja, excetuando os loucos, o que é um defeito, os homens são iguais e se organizam a partir de suas paixões. A formação deve ser efetuada em nível de concepções ou de imagens oriundas das sensações que incomodam o cérebro ou o põem em movimento gerando as paixões, a mola do movimento vital. Os homens se mantêm vivos na busca de suas paixões. Toda vida humana, seja ela natural ou política, pressupõe essas considerações. E a primeira denominação que se desenha na filosofia hobbesiana é a de que os homens por natureza são iguais.

Conhecimentos e paixões são oriundos das sensações, motivadas pelo uso dos sentidos, que movimentam nosso cérebro, gerando o poder de conhecer ou concepção, do qual advém o conhecimento. Dessa mesma imagem dispersa em nosso corpo, pelo coração, originam-se as paixões. Ensino e formação pressupõem as sensações.

O começo das ações humanas se encontra no apetite e no medo. A alternância entre eles gera a deliberação. A deliberação requer duas condições em seu ato: que seja futuro e que tenha esperanças em cumprir ou descumprir. Na deliberação, o último apetite e o último medo é o desejo. A vontade não é voluntária. Voluntária é a deliberação, portanto requer discernimento, conhecimento. Se a vontade é a fonte de nossas ações, então o mundo é governado pela opinião e não pelo conhecimento. O consenso consiste em encontrar efeito único na diversidade de vontades. Quando isso é consumado, dá-se o nome de união. O ensino é, portanto, a ponte entre a natureza humana e a união social.

3. Natureza humana e ensino

O primeiro uso da linguagem é o de exprimir as concepções humanas. A intenção de engendrará-las em outra pessoa chama-se ensino. O ensino correto é aquele que se forma sem erro. Ensina-se a verdade e esta é lógica ou consiste na correspondência entre uma denominação e outra. De forma que o ensino – que deve ser verdadeiro – é compreendido como formal. O que se deve ensinar é a verdade, oriunda das sensações. O conhecimento que se origina do poder cognitivo tem seu começo nas imagens criadas em nosso cérebro pelo movimento gerado em nós pelas sensações. Trata-se da base para o ensino hobbesiano.

Ensina-se aos outros o resultado das imagens geradas em nosso cérebro pela exterioridade do mundo. Não se trata de filiação direta entre objetos externos e conhecimento. Em verdade, o conhecimento é fruto do movimento que o mundo externo provoca em nosso cérebro. Mas o conhecimento é elaboração interna do cérebro e não consequência direta do efeito externo nele.

Como o ensino consiste em engendrar no outro as concepções daquele que ensina, não se deve imaginar que o ensino é somente interior a cada um. A verdade lógica a ser estabelecida tem como finalidade o consenso e o mesmo ambiciona a união. Em última instância, está em questão a filiação entre natureza humana e ensino em prol da preservação da vida em paz e da reprodução dos homens e da sociedade na qual eles vivem. O ensino visa, assim, a perpetuação da raça humana pelo viés do consenso. Este acentua a organização social e política como máquina, gerada por movimento interno ao cérebro que impulsiona o conhecimento e a paixão, evitando o erro do empirismo moderno de se estender *ad infinitum* ou de retroceder *ad regressum*.

O ensino ocorre como consequência dos objetos externos ao cérebro, o que supõe a separação entre sujeito e objeto. Mas se estabelece de forma distinta daquela defendida pelos primeiros empiristas modernos, edificada sobre a supremacia dos objetos. O movimento gerado no cérebro pelos objetos sensíveis é a mola propulsora do ensino. Sua recepção no cérebro pode ser cognoscente ou passional. O ensino é voltado à verdade lógica e se baseia na distinção entre o conhecimento e a paixão, embora ambos os aspectos constituam a natureza humana. A verdade lógica possibilita que se entenda o ensino como racional. É oriunda das sensações, mas com elaboração individual – em termos particulares – visando a coletividade em forma de consenso e união – a universalidade. Trata-se de elaboração formal.

O ensino, enfim, apresenta-se de maneira racional, com bases sensíveis, cognitivo e voltado a uma finalidade funcional. A natureza humana se compõe dos poderes naturais do espírito e do corpo ou a força corporal, a experiência, a razão e a paixão. Todas elas compostas na natureza humana nos possibilita a finalidade da vida humana em sua necessidade de preservação de sua espécie, mais conveniente na paz do que na guerra. O ensino é consequência dessa concepção da natureza humana e aponta para sua finalidade. Ensina-se a verdade lógica pressupondo a subjetividade, entendida como consciência de si cognoscente e passional – todas oriundas das sensações que, como mola, impulsionam o cérebro humano e o motiva a elaborações conceituais –, com vistas à finalidade de uma sociedade unida pelo consenso social entre os homens.

4. Conclusão

Hobbes corrobora com a elaboração conceitual emergente na modernidade: a autodeterminação do sujeito quanto à compreensão de si e a dotação de sentido ao novo mundo que se estabelece, mas e ao mesmo tempo, aponta para a fragilidade da vida isolada ou para a carência humana para realizar seus desejos. Autodeterminação e carência humana são conceitos básicos para que se compreenda a necessidade do ensino moderno. De um lado, o homem encontra-se livre da supremacia metafísica de um cosmos e de Deus. Torna-se livre e seu saber se desloca da primazia metafísica do ser à dotação de sentido imanente ao sujeito. De outro lado, posiciona-se com filiação às sensações, promotoras do movimento cerebral, pelo qual advêm o conhecimento e a paixão e, conseqüentemente, o ensino e a aprendizagem. De forma que a concepção hobbesiana de ensino carrega em seu germinar as concepções de autodeterminação do sujeito na carência de sua fragilidade em sua com-vivência humano-cognitiva e passional-efetiva.

A natureza que se mantém à revelia humana é fonte pela qual o homem dá sentido a si mesmo e ao mundo no qual se encontra e visa finalidades. O ensino estende a natureza – como elaboração mental – à compreensão humana de si e da realidade. Ele permite aos homens transmitir aos seus pares suas compreensões. A finalidade do ensino é encontrar-se corretamente – de forma lógica – na imanência natural, determinante ao sujeito. Tal processo se põe como auto-dotação de sentido imanente ao sujeito cognitivo e visa o consenso e a união em prol da preservação e reprodução humanas.